

PIBID CIÊNCIAS SOCIAIS: AVANÇOS E DESAFIOS

Timóteo André Alves de Oliveira (Bolsista do subprojeto PIBID
Ciências Sociais/UFES)

O PIBID Ciências sociais está ativo desde 2013 e, desde então, tem realizado atividades em escolas públicas estaduais no estado. Atualmente o PIBID tem atuado na Escola Estadual Fernando Duarte Rabelo (FDR), sob a supervisão da professora de sociologia Sara Alves. Neste relato focaremos nas experiências vivenciadas neste contexto estudantil específico, bem como nos desafios que temos encarado nesta realidade.

Primeiramente, é necessário compreender o contexto escolar em que foram vivenciadas as experiências que serão referenciadas. A escola está localizada em um bairro de classe média alta. O símbolo arquitetônico que revela este fato é a existência de uma praça em frente à escola, na qual existe uma quadra de tênis que tem atendido à população local. Paradoxalmente, o público que a escola atende é um público diverso. Desde alunos das redondezas com alto poder aquisitivo até alunos que vêm da grande São Pedro, como do Romão, e ainda alunos de outros municípios como Viana, Fundão, Vila Velha, dentre outros. O resultado é um ambiente diversificado, com várias histórias, várias vivências, vários contextos, propiciando uma riqueza de saberes muito grande. Um ambiente interessante para a reflexão sociológica.

Nesse contexto, como nos colocarmos enquanto futuros professores de sociologia do Ensino Médio? Como o escritor Eduardo Galeano traz no poema “Os ninguém”, nos colocamos a dar voz aos que historicamente são vistos como ninguém, aqueles que as outras áreas não se aproximam muito, mas nós nos propomos a visibilizá-los. Essa atitude num contexto diverso como o descrito gera muito material para se analisar,

pois, o campo sociológico se revela diante de nossos olhos. Disso se desdobram as práticas pedagógicas.

A primeira ação aqui trazida diz respeito ao projeto Sankofa, projeto idealizado pela professora Sara Alves, que objetiva trazer a discussão desse parcela social historicamente invisibilizada e oprimida, que é a população negra. Eis o primeiro “ninguém” que nos propomos a fortalecer. O projeto operou em três eixos principais: 1) desmistificação da democracia racial, eixo que envolveu cineclube e observatório de imprensa, em que os alunos e as alunas analisaram as narrativas jornalísticas em relação à população negra; 2) a questão de exclusão e oportunidade do povo negro, pensando a questão das cotas, que consistiu em uma palestra sobre cotas, entrada e permanência na universidade da população negra; 3) religiosidade e resistência, que envolveu uma visita a um quilombo, uma oficina de cabelo afro, pensando penteados e acessórios como turbantes e outros pontos de resistência pelo cabelo, e houve também uma pesquisa sobre orixás, que finalizou com os alunos se caracterizando destes e apresentando suas histórias. Em uma conjuntura de intolerância religiosa, este debate se faz necessário.

Outra ação de visibilidade a outra parcela social, realizamos o “Círculo de promoção da igualdade de gênero e sexualidade”, em que a questão da violência contra a mulher, a desigualdade salarial, a transfobia, dentre outros temas, foram abordados. Os alunos e alunas escolheram e se aprofundaram em um desses temas trabalhados em sala de aula, e apresentaram dentro de um circuito para alunos de outras séries o resultado de suas pesquisas. Houve música, poesia, teatro, exposição, jogos, desenhos, enfim, muitas linguagens diversificadas para falar da diferença e a necessidade de respeito.

Realizamos também um “Quiz Sociológico”, um jogo de perguntas e respostas para trabalhar a questão política. Eram perguntas envolvendo democracia, cidadania, Estado e movimentos sociais. Foi um modo avaliativo para os estudantes do segundo ano, os quais têm em seu currículo o estudo da política.

Houve também um investimento na formação dos futuros professores e professoras, os estudantes bolsistas do PIBID. Espaços de formação são uma prática comum no PIBID Ciências Sociais. Somos um time, um grupo que necessita estar sintonizado. E, nesse sentido, escolhemos temas que seriam úteis ao grupo e convidamos um expositor ou expositora para nos conduzir a compreensão do tema. Já tivemos formação da questão indígena, da questão de gênero, da questão da transição socialista, da Paulo Freire, dentre outros temas.

E esta última ação nos desloca para outro ponto de nossa fala que seriam os desafios e contribuições que temos sido atingidos e agraciados nesta caminhada chamada PIBID Ciências sociais. Comecemos pelos desafios. Como dito acima, o ambiente da escola FDR é diversificado sendo um ambiente rico de positividade, mas também, o outro lado de ambientes diversos é a existência de conflitos com visões diversas sobre a realidade. E o ambiente em que o PIBID está inserido não foge a isso.

Há, na escola, um grupo forte de liberais, há anarquistas (poucos, mas expressivos em algum nível), posicionamentos de extrema direita, estudantes de esquerda, bem como também o próprio senso comum como modo de ver a realidade. Através da teoria gramsciana, poderíamos dizer que há vários intelectuais orgânicos neste contexto e estas ideias se chocam, desembocando em sala de aula. Tal embate recai sobre a legitimidade do que falamos, se é verdade ou não. Se há um rigor científico ou se é tudo opinião. Neste sentido, há necessidade de afirmação da autoridade científica, tão comumente relativizada. É natural que os questionamentos surjam justamente nos momentos em que estamos dando voz aos que não têm voz. Isso faz com que os bolsistas PIBID enfrentem muitos desafios no cotidiano da escola.

Este espectro sempre circundará as ciências humanas. A utilização do discurso científico se legitima em sala de aula, por ser uma análise com maiores critérios e que traz respostas mais próximas ao real, revelando e diferindo opressões. Compreender a ciência neste lugar deve ser nosso objetivo, e é o que temos tentado construir enquanto PIBID.

Por fim, chegamos às contribuições do PIBID. Além do fato de estarmos inseridos no contexto escolar agora, nós temos o desafio de aproximar categorias aparentemente abstratas, como Estado, mais-valia e estrutura, em assuntos concretos, presentes na realidade deste aluno. Numa linguagem religiosa, a transcendência se encarna. E isso tanto para nós quanto para o aluno, sendo uma bela via de mão dupla em que o assunto se torna real tanto para nós quanto para o estudante de Ensino Médio. As metáforas do dia a dia do aluno são anexadas em nossas palavras, nós entramos em seu contexto, o compreendemos e por ele somos afetados, e a partir disso o conteúdo concretiza-se diante de nós e em nós em um movimento dialógico.

Eis o relato PIBID Ciências sociais, uma experiência de dar voz ao outro, de embate de ideias, de verdadeiramente formação.